

DESAFIOS NA TRADUÇÃO DO NORUEGUÊS PARA O PORTUGUÊS, ILUSTRADOS PELA VERSÃO BRASILEIRA DE ALGUNS CONTOS POPULARES*

*Kåire Nilsson***

RESUMO: Os contos populares noruegueses compilados pelos folcloristas P. Chr. Asbjørnsen e Jørgen Moe no século passado representam a primeira aproximação escrita da língua falada nas zonas rurais da Noruega central, enquanto a língua oficial era ainda o dinamarquês. Precisamente pela "norueguesidade" singular dos textos, típica de uma época já remota, constitui um grande desafio reproduzir o seu universo através de uma tradução destinada a um público brasileiro de hoje, ao mesmo tempo que os contos se prestam bem a ilustrar as particularidades inerentes que distinguem o norueguês do português.

No presente trabalho pretendo demonstrar as diferenças estruturais e culturais mais salientes no que diz respeito à tradução para o português do norueguês em geral e destes contos em particular, sistematizando os problemas e discutindo algumas soluções propostas por Francis H. Aubert na sua antologia intitulada *Askeladden & outras aventuras*, versão brasileira de parte do património literário coligido por Asbjørnsen e Moe.

UNITERMOS: folclore norueguês; lingüística contrastiva; tradutologia; textos paralelos.

(*) Este texto baseia-se no manuscrito de uma conferência proferida no CITRAT da FFLCH / USP em 20 de novembro de 1997.

(**) Professor associado de português, Departamento de Estudos Clássicos e Românicos da Universidade de Oslo, Noruega.

ABSTRACT: *The Norwegian folktales collected by P. Chr. Asbjørnsen and Jørgen Moe in the 19th century stand as a first approximation of the written standard to the language spoken in the rural districts of Central Norway, at a time when Danish was till the official language. Given the unique Norwegian character of the texts, typical of a by-gone time, the translation of its cultural framework for the benefit of the Brazilian reader of today represents a major challenge. At the same time, their translation represents a good illustration of the inherent linguistic specificities which oppose Norwegian to Portuguese.*

*In the paper, an attempt is made to demonstrate the more salient structural and cultural differences which emerge in translations from Norwegian into Portuguese as a whole and very specifically in these folktales, including a proposed classification of the problems and discussing some of the solutions proposed by Francis H. Aubert in his anthology *Askeladden & outras aventuras*.*

KEYWORDS: *Norwegian folklore; contrastive linguistics; translation theory; parallel texts.*

1. Introdução

A tradução tem uma vertente estrutural e outra cultural. Trata-se, portanto, da “transferência” de fenômenos estruturais e culturais de uma língua para outra.

A tradução *estrutural* consiste em configurar ou reconstituir, lingüisticamente, uma mesma realidade de modo diferente. A tradução *cultural* consiste em dar conta de fenômenos desconhecidos numa língua conhecida.

As diferenças estruturais manifestam-se na análise paralela e contrastiva de dois ou mais universos lingüísticos. Verifica-se, assim, na grande maioria dos casos, que se entrecruzam as divisões de um “macrocampo” semântico comum. Ex.: A divisão lingüística de uma vaca / do dia / da escala das cores (ou seja do espectro). Cf. também exemplos como *colocar > pôr, meter*

vs. 'anbringe, plassere' (= *colocar*) > 'legge, sette' (com sentidos fundamentalmente diferentes de *pôr* e *meter*) e termos sem equivalência geral, como 'underbukser' = ou *ceroulas* (= 'lange u.') ou *cuecas* (= 'korte u.'), e (no Brasil) *camiseta* = ou 'trøye' (= *c. de algodão ou material semelhante*) ou 'genser' (= *c. de lã ou material semelhante*).

Tratando-se de textos antigos, a tradução adquire também uma dimensão diacrónica ou vertical, enquanto a tradução de textos modernos pode considerar-se um processo sincrónico ou horizontal. Na tradução "vertical" faz-se notar especialmente o aspecto cultural, enquanto na tradução "horizontal" parece predominar o aspecto estrutural.

De qualquer modo, os problemas da tradução – ou seja as diferenças entre o texto fonte e o texto alvo – aumentam na razão directa da distância que medeia entre eles, quer no espaço quer no tempo.

A tradução dos contos populares noruegueses envolve as quatro "dimensões" acima referidas; isto é, o aspecto tanto estrutural como cultural numa perspectiva tanto horizontal como vertical, já que o universo em causa se encontra a uma distância considerável da realidade actual brasileira.

O estilo dos contos populares noruegueses é muito expressivo, o que resulta da sua linguagem viva e coloquial, inusitada na literatura da época. Aliás, descrevem fenómenos intimamente ligados à cultura rural norueguesa d'outrora, adquirindo assim um colorido local e particular de uma sociedade obsoleta. Portanto, a tradução desta matéria representa um grande desafio tanto estrutural como cultural, ao mesmo tempo que os textos, sendo os contos noruegueses "de gema", podem servir para ilustrar as diferenças típicas entre o norueguês e o português, ou seja as suas particularidades no que se refere ao chamado "espírito" ou "génio" da língua.

Vou aqui limitar-me a comentar alguns dos problemas estruturais e estilísticos mais conspícuos que se nos deparam ao tentarmos traduzir Asbjørnsen & Moe para o português, com base em exemplos tirados dos quatro contos "Fredinho e a sua rabeça", "O Troll que não levava o coração no peito", "A princesa que sempre queria ter a última palavra" e "A leste do sol e a oeste da lua"

– todos traduzidos por Francis Aubert e publicados na antologia *Askeladden & outras aventuras*.

2. Particularidades linguísticas

2.1 A expressão do concreto e expressividade

Numa tentativa de sintetizar o “espírito” da língua portuguesa (e da maior parte das outras línguas românicas) face ao norueguês (e as línguas germânicas em geral) eu diria que estas tendem a dar uma imagem viva, concreta e analítica (e até pormenorizada), do que se observa, enquanto aquelas se caracterizam por uma representação mais abstracta, generalizante e sintética da realidade. Portanto, o norueguês é, de um modo geral, muito mais concreto ou até “cinematográfico” do que o português no que se refere a especificar as circunstâncias exteriores ligadas a uma situação ou a um processo. Ex.:

- | | |
|--|---|
| (1) store penger | muito (literalmente = grande) dinheiro (28) |
| (2) og det var ikke nei å få for han; om det var aldri så store knipere, måtte de gi ham det han ba om | e ninguém conseguia lhe negar nada – (32) |
| (3) både de som gikk på to og de som gikk på fire | bípedes e quadrúpedes (34) |
| (4) Og brødrene mine, som står i stein utenfor | e mais os meus irmãos, que estão aí na estrada, transformados em pedra (55) |
| (5) Så var prinsessen målbundet [<i>concisão aparentemente impossível em português</i>] | Por essa a filha do rei não esperava e ficou sem o que dizer (70) |

Estas tendências discrepantes manifestam-se, sobretudo, em dois domínios da língua: primeiro, na formação de palavras; segundo, no modo como se descreve uma situação ou um processo.

- (8) men ellers ligger det under dørhella Mas, já que pergunta, está debaixo da *soleira da porta do quarto* (56)
- (9) Prinsessen som ingen kunne målbinde A princesa que sempre queria ter a última palavra (63)
(*Målbinde* é um composto do substantivo *mål* = 'fala', 'língua' e *binde* = 'atar'. Um equivalente possível seria 'calar', usado transitivamente. Assim, julgo que a frase podia ser traduzida por "A princesa que ninguém conseguia fazer calar".)
- (10) Men det var ingen som kunne ordbinde Mas não houve um único candidato que conseguisse ganhar da princesa na réplica (65)
(*Ordbinde* é uma variante de *målbinde*, mas neste caso o primeiro elemento é *ord* = 'palavra'.)
- (11) de som prøvde seg, men ikke kunne, de skulle sviemerkes på begge ørene med det store sviejernet hans aquele que tentasse mas não conseguisse seria marcado (lit. = ferreteado) com o grande ferro (lit. = ferrete) do rei em ambas as orelhas (65)
(*Sviejern*, onde *jern* = 'ferro', corresponde ao termo técnico *ferrete*.)
- (12) grannekjerringa mi a outra velha, minha vizinha (80)
- (13) nesegrevet a princesa nariguda (lit. = nariz de enxada / picareta) (84)
- (14) gullhespetre carretel de ouro (85)
- À composição (construção analítica) em norueguês corresponde em muitos casos a derivação (construção sintética) em português:
- (15) i et stort klungerkjerr num espinheiro (32)
- (16) i glohaugen no braseiro (69)
- (17) dvaledrikk sonífero (85)

2.3 Adjuntos adverbiais / circunstanciais

No âmbito da sintaxe acho que primeiro cabe dedicar umas palavras às descrições espaciais muito concretas resultantes do uso particular de advérbios e preposições de lugar. As línguas germânicas contam com uma grande variedade destes elementos circunstanciais, que se usam vivamente para explicitar de maneira precisa e "fotográfica" as circunstâncias espaciais que

acompanham um evento ou um estado, enquanto muitos deles carecem de equivalente cabal nas línguas românicas. Assim, o nosso “problema” é que os lusofalantes ou não se empenham tanto em visualizar as circunstâncias espaciais, ou estas vêm “incorporadas” no verbo, de modo que não há pura e simplesmente necessidade das preposições e dos advérbios expressivos que usamos com tanta frequência na Noruega.

- | | |
|---|---|
| (18) Lensmannen strøk bort
oppi kjerret etter den | o delegado teve que ir até lá
para pegá-la (lit. = foi depressa
pegá-la ao / no espinheiro) (32) |
| (19) ... og kunne ikke komme
ut i vannet igjen | ... sem conseguir retornar à
água (53) |
| (20) Nå skal du krype inn
under sengen der | Por ora, esconda-se debaixo da-
quela cama (55) |
| (21) Ja, han krøp da under
sengen, og aldri før
vare han innunder,
så kom risen | Askeladden enfiou-se debaixo da
cama nem bem havia recolhido
as pernas quando apareceu o
Troll (55) |
| (22) Men med det samme
han løftet den opp av
vannet, slapp den egget
ned i brønnen | Mas, na hora em que Askeladden
tirou a pata da água, ela deixou
cair o ovo no poço (60) |
| (23) “Jeg holder under
dette,” svarte gutten | – Eu seguro com isto aqui
– disse Askeladden (69) |
| (24) det lå østenfor sol og
vestenfor måne det, og
dit fant hun aldri fram | não havia nenhum caminho que
levasse até o castelo a leste do
sol e a oeste da lua, e ela nunca
conseguiria chegar lá (78) |
| (25) han fikk kastet henne
inn på stranden | e o Vento Norte [...] conseguiu
atirá-la na praia (84) |
| (26) komme opp til prinsen | passar a noite com o príncipe
(mais lit. = subir ao quarto
do príncipe) (85) |

2.4 Locuções verbais constituídas por verbo + partícula (adverbial) etc. de significado reduzido

Em muitos casos, os advérbios noruegueses (normalmente de lugar) formaram conjuntos idiomáticos (sintagmas

lexicalizados) com o verbo, ficando reduzidos a meras partículas sem autonomia semântica. Portanto, a tradução do conjunto verbo + partícula adverbial **só** pode ser realizada a nível sintagmático, na medida em que **não faz sentido** “somar” o significado dos constituintes a fim de **apurar** o significado do conjunto.

Estruturas **idiomáticas** deste tipo são desconhecidas nas línguas românicas¹, **onde**, portanto, é preciso procurar equivalentes estruturalmente diferentes. Isto pode vir a ser uma tarefa árdua, já que as **expressões** norueguesas costumam denotar os processos em **causa** de maneira mais concreta e precisa do que é habitual em **português**:

- | | |
|---|--|
| (27) og rett som det var , så kjente han etter om han hadde dem alle tre | e a toda hora punha a mão no bolso para sentir as três (28) |
| (28) så han ikke syntes det var noen vei til å komme fram | e parecia não haver jeito de sair dali (28) |
| (29) hun sier deg no khvordandu skal bære deg at, så du kan få gjort ende på risen | Ela lhe dirá o que você deve fazer para acabar com o Troll (55) |
| (30) og så la han uti [elipse] | atirou-se às águas (60) |
| (31) Da han så var blitt av med risen | Depois de liquidado o Troll (61) |
| (32) Da de hadde gått et stykke til, fant Askeladden en gammel vidjespenning; den tok han opp | Depois de andarem mais um tanto (lit. = trecho), Askeladden reparou num velho cesto de vime, deixado à beira da estrada – (66) |
| (33) Da de hadde gått litt til, fant han et skålbrott ; det tok han også opp | Quando já haviam percorrido mais um pedaço de caminho, Askeladden encontrou um pedaço quebrado de um pires – (66) |

(1) Exceção feita para os idiomas reto-românicos, cuja estrutura foi grandemente influenciada pelo alemão, língua germânica vizinha.

- (34) Da de gikk over jordene ved kongsgården [...] bukket han seg og tok opp en utgått skosåle
- Quando já estavam caminhando entre as **plantações** junto ao **castelo do rei** [...], **Askeladden** abaixou-se e pegou uma sola de botina, **bem gasta** (67)

(Nos três exemplos anteriores *emprega-se* o pretérito da locução *ta (noe) opp*. Todavia, só foi traduzida no último caso, onde o tradutor optou pelo verbo *pegar*, de sentido **bem** mais geral do que a expressão original. É que, concretamente, a locução *ta noe opp* não significa apenas *pegar* (ou *apanhar*) algo, mas também *levantá-lo do chão*.)

- (35) Å det har ingen nød, jeg slår omkring denne vidjespenningen
- Ah, não **tem** problema, eu **embrulho** neste cesto de vime (69)
- (36) han viste fram skålbrottet
- segurando (lit. = mostrando) o **caco de pires** (69)
- (37) Der banket kvitbjørnen på, og så gikk det opp en port
- Lá, o **urso branco** bateu, **abriu-se um portão** (74)
- (38) vi må ha dagen for oss og vel så det, skal vi rekke fram
- vamos **precisar** do dia inteiro e mais um pouco, pra **chegarmos** a nosso destino (82)
- (39) Tidlig den andre morgenen vekket nordenvinden henne, og blåste seg opp
- Bem cedo na manhã seguinte, o **Vento Norte** acordou-a e **começou** a **inflar-se** (82)

Este género de sintagmas lexicais também se usa em construções impessoais sem paralelo estrutural em português:

- (40) ble han dømt til å hengesstraks, og det bar avstedtil galgen med det samme
- condenaram-no a ser **enforcado** imediatamente e **conduziram-no** para o **patíbulo** (33)
- (41) Da han så det, gikk det i stå for ham med
- Quando o **rapaz** viu isso, **gaguejou**, **atrapalhou-se**,

ên gang, og så var det
ute med ham

deu-lhe um branco e perdeu
a parada (68)

2.5 Expressões dinâmicas ou de transição

A nossa tendência germânica para especificar as circunstâncias concretas faz-se notar especialmente nas expressões “dinâmicas”, ou seja nos diferentes modos de traduzir “o conceito de transição”: é que nas expressões portuguesas deste género, o verbo (predicado) denota, principalmente, a *direcção* de um processo, enquanto o *modo* como este se realiza se exprime, eventualmente, mediante um complemento adverbial, caso as circunstâncias mais concretas não se depreendam do contexto. Nas línguas escandinavas, no entanto, costuma verificar-se o contrário: estamos muito empenhados em assinalar o modo como se realiza um acto ou evento “direccional” – tanto no sentido concreto como nas expressões metafóricas de processos que resultam numa mudança. Nas línguas escandinavas, esta “modalidade” é expressa no próprio verbo, enquanto recorremos a um complemento adverbial para indicar o sentido em que se desenvolve o processo em causa.

(42) har jeg slitt av meg

já estão gastas (28)

(43) og gutten spilte
lensmannen danset [...] til fillene føk av ham og han nesten ikke hadde en tråd på seg

E o garoto continuou a tocar e o delegado a dançar até os trapos caírem-lhe do corpo e ficar quase nu (33)

(44) straks kom korpen og fløy etter nøkkelen, så prinsen kom inn i kirken

Imediatamente, apareceu o corvo, que voou até o alto da torre, físgou a chave no bico e entregou-a ao príncipe (mais lit. = que levantou voo e foi buscar a chave, de modo que o príncipe pôde entrar na igreja) (60)

(45) han skulle gjøre alt kongssønnen ville [...] bare han ikke ville

Ele faria tudo o que o príncipe exigisse, desde que parasse de apertar

- | | |
|--|---|
| klemme sund hjertet
hans | o seu coração (61) |
| (46) Så klemte Askeladden
egget i stykker, og så
sprakk risen | Askeladden esmagou o ovo,
e o Troll estourou (61) |
| (47) Da han så var blitt av
med risen, red
Askeladden tilbake
til risegården | Depois de liquidado o Troll,
Askeladden voltou para o
castelo, montado no lobo (61) |
| (48) Da hun nå hadde gnidd
søvnene av øynene sine
og grått seg trett, ga
hun seg på veien | Depois de espantado o sono e de
ter chorado até cansar-se, pôs-
se a caminhar (78) |
| (49) Jeg har en fin skjorte
[...], men det er kommet
tre talgflekker på den,
som jeg vil ha vasket av | Eu tenho uma linda camisa [...],
mas ela está manchada com
três pingos de cera e precisa ser
lavada (86) |

É curioso notar que nalguns destes casos, o tradutor adoptou a estrutura norueguesa:

- | | |
|--|---|
| (50) og så la han uti [...] og
svømte over til øya | atirou-se às águas [...] e nadou
(= foi nadando ?) até o meio do
lago (60) |
| (51) men du skal få lånt hes-
ten min, og den kan du
ri på til
grannekjerringa mi | Mas, faça o seguinte: leve
emprestado o meu cavalo
com ele cavalgue até aoutra
velha, minha vizinha (80) |
| (52) han hadde aldri blåst så
langt | ele nunca havia soprado
tão longe (81) |
| (53) kanskje han er kjent
der og kan blåse deg dit | talvez ele conheça a região e pos-
sa te soprar (= levar ?) até lá (81) |
| (54) jeg har blåst et ospeløv
dit en eneste gang | Eu soprei um ramo (lit. = uma
folha) de álamo até lá uma
única vez (82) |

Pode ser que estes “norueguismos” se devam à interferência do original, mas também é possível que resultem de uma es-

colha consciente. Não sendo lusofalante nativo não me atrevo a avaliar a impressão que produzem no leitor brasileiro, comparados com expressões alternativas de estrutura mais corrente. Como quer que seja, é raro encontrar esta construção em português.

2.5.1 Transição expressa apenas por advérbios (possibilitada pela distinção entre advérbios estáticos e dinâmicos)

Em norueguês até é possível exprimir mudança ou movimento direccional sem verbo que indique o processo em si (ou seja a modalidade deste). Em enunciados destes, o verbo finito denota apenas as circunstâncias aspectuais, modais ou causais que acompanham o processo, enquanto o sentido deste fica expresso por um adjunto adverbial. Este modo de expressão é possibilitado pelo facto de o norueguês distinguir entre advérbios de lugar estáticos (situacionais) e dinâmicos (direccionais). Empregando um advérbio desta última categoria, fica implícito um movimento que se realiza na direcção indicada.

- | | |
|---|---|
| (55) og så var det fram med jernet igjen | e, mais uma vez, o ferro fez o seu serviço (69) |
| (56) Men han måtte opp | Era preciso seguir o caminho, porém (28) |
| (57) Men Askeladden ville og skulle avsted | Mas Askeladden queria porque queria ir (53) |
| (58) Å kjære vene, hjelp meg ut i vannet igjen | Meu belo príncipe, me ajude a voltar para o riacho (54) |
| (59) Ja, nå får jeg avsted, jeg også | Bem, é melhor eu também ir andando (60) |
| (60) Til ham fortalte han det som hadde hendt inne hos risen, og sa at nå villehan avsted til brønnen | O príncipe contou-lhe tudo o que havia acontecido e que ele precisava achar o poço (60) |
| (61) slapp den egget ned i brønnen, og så visste Askeladden slett ikke hvordan han skulle få | ela deixou cair o ovo no poço, e o príncipe ficou de novo sem saber o que fazer (60) |

- det (= egget) opp igjen
[cf. 1.71. e inglês 'to get'
em construções como
'get it up' etc.]
- | | |
|---|---|
| (62) for hun tar deg ved
hånden [...] og vil ha
deg inn i et kammers
og tale alene med deg | porque se ela te pegar
pela mão e quiser
falar sozinha com
você no quarto (75) |
| (63) og han av gårde så det
hadde god skikk. De
gjorde ikke veien lang | e foram embora num sopra
só (82) |
| (64) Ja, hun ville og hun
måtte dit | A moça queria e precisava
(sc. ir lá) (82) |

2.6 O advérbio interrogativo 'hvor' + adjetivo / advérbio

Hvor é um advérbio interrogativo que corresponde ao advérbio afirmativo de intensidade *så* = 'tão'. Portanto equivale ao antigo advérbio 'quão', que desapareceu em português há uns 500 anos. Em norueguês, *hvor* é uma palavra muito corrente, à semelhança do advérbio inglês *how* + adjetivo ou advérbio – cf. frases como "hvor gammel er du" = "how old are you", "hvor langt" = "how long", "how far" e "han vet ikke hvor farlig det er" = "he doesn't know how dangerous it is". Nestes casos é preciso recorrer a estruturas diferentes em português (p.ex. "não sabe como é perigoso ..." no último caso). Nos contos estudados há só um exemplo deste advérbio:

- | | |
|--|--|
| (65) gutten satte i å
skrike, da han
riktig fikk se hvor
stor og lang han var | o garoto começou a gritar
de susto – (29) |
|--|--|

Como vemos, o tradutor deixou de traduzir a oração subordinada onde figura este advérbio um tanto problemático, substituindo-a pelo aditamento "de susto". Neste caso parece satisfatória esta solução, visto que já ficamos sabendo, pelo contexto, como era grande e alto o vulto em questão.

2.7 Locuções aspectuais e modais

As locuções aspectuais e modais do norueguês diferem bastante das expressões correspondentes em português, e nem sempre parece possível encontrar um equivalente exacto da locução norueguesa:

- | | |
|--|---|
| (66) gutten satte i å skrike | o garoto começou a gritar de susto (29) |
| (67) I det samme la
Veslefrikk til å stryke
på fela, og lensmannen
til å danse så tormene
slet i tornene ham | O Fredinho começou a tocar a rabeca, e o delegado pôs-se a dançar com tanta desenvoltura que os espinhos o arranharam todo (33) |
| (68) og alle som var der, til
å danse | e todos que lá estavam [...] puseram-se a dançar (34) |
| (69) Da det led på dagen,
satte jenta seg utenfor
vinduene i slottet til å
spinne på gullrokken | Já era de tarde quando a moça sentou-se do lado de fora das janelas do castelo para fiar na roca de ouro (85) |
| (70) Så skulle de andre
trollene til å vaske;
mendess lenger det
led, dess styggere og
fælere ble den | Então os outros trolls se puseram a lavar; e a camisa foi ficando cada vez mais feia (86) |
| (71) og da han kom utenfor
risegården, sto
skrubben der ennå
og ventet | e, ao sair da montanha, lá estava o lobo, esperando (60) |
| (72) Han gikk og sørget
og sturte | E o soberano andava triste e sorumbático (53) |
| (73) Å, hva har du gjort nå? | Ai, meu Deus! O que é que você foi fazer! (78) |
| (74) Hva skal nå det til da? | E para que você foi fazer uma coisa dessas? (57) |
| (75) kanskje hun tør
vite det | quem sabe ela ouviu falar (80) |

2.7.1 Emprego do verbo 'få'

Este verbo, cujo significado lexical é *receber* ou *ter* (no seu aspecto perfectivo / incoativo, cf. 'to get' em inglês) é muito frequente em perifrases aspectuais e modais de vária ordem. Seguindo de infinitivo também é possível interpretá-lo como um elemento causativo (cf. inglês 'to have something done'). No entanto, pode ser muito difícil captar o seu valor preciso, ou seja determinar como modifica o aspecto ou modalidade do verbo em cada um dos casos. Em alguns contextos parece conferir ao verbo principal um aspecto perfectivo (aorístico), enquanto em outros engloba vários matizes modais. Muitas vezes parece ter um valor concessivo; noutros casos corresponde mais ou menos às expressões portuguesas *chegar a*, *conseguir* ou *fazer + infinitivo*.

Ora se constrói com o infinitivo, ora com o participio passado. No primeiro caso parece prevalecer – grosso modo – a função modal, no segundo a função aspectual. De qualquer forma, o verbo 'få' combinado com uma forma infinita de outro verbo (principal) desempenha um papel muito subtil e variado na nossa língua. Vamos ver alguns exemplos:

- | | |
|---|--|
| (76) Ja, så får du få den, da | Está bem, está bem, então leve esse tostão / É, está certo, então pode ficar com o meu tostão (30) |
| (77) Så fikk han få skillingen da, sa Veslefrikk, det var ingen råd for det | Bem, nesse caso, não tinha outro jeito, o tostão era dele (31) |
| (78) Ja, siden du endelig vil være, så får vi vel se å finne på en råd | Já que você faz tanta questão... vamos ver se descobrimos um jeito (55) |
| (79) Det var råd å få stekt skjæra mi der da? | Será que dá para assar minha gralha (lit. = pega) aí? (69) |
| (80) Å, du får ikke være så streng av deg du heller | Ora, vamos lá, não fique assim tão zangado (82) |
| (81) Ja ja, så får du ligge over her i natt | Tudo bem, então, mas é melhor você dormir aqui esta noite (82) |

- | | |
|--|---|
| (82) og det var nettopp så vidt makt igjen i nordenvinden at han fikk kastet henne inn på stranden | e o Vento Norte, num último esforço, conseguiu atirá-la na praia (84) |
| (83) men kunne hun få komme opp til prinsen som var der, og være hos ham om natten, så skulle hun få den | mas, se ela pudesse passar a noite com o príncipe, a princesa poderia ficar com a roca (85) |

3. Particularidades estilísticas

3.1 Parataxe vs. hipotaxe

Uma diferença característica entre as nossas duas línguas é que o norueguês tende para a parataxe, enquanto o português é mais dado à hipotaxe – diferença essa importante de recordar na tradução de uma língua para a outra. O tradutor parece bem consciente destas tendências divergentes, características estilísticas que se reflectem frequentemente na versão brasileira das construções norueguesas encontradas nos contos:

- | | |
|---|---|
| (84) Da han nå kom til brønnen, lå anda ganske riktig der og svømte fram og tilbake | Quando entraram na igreja (<i>sic!</i>), lá estava o poço com a pata nadando, de um lado para o outro (60) |
| (85) Mannen gikk ut og skulle se hva som var på ferde | O colono saiu para ver o que estava acontecendo (73) |
| (86) Ja, mannen syntes det var nokså gildt at han skulle bli så rik [...], og gikk inn og sa at det var en stor kvitbjørn ute | Bem, o homem achou que seria ótimo se ficasse tão rico assim [...]. Por isso, entrou para contar que quem estava lá fora era um grande urso branco (74) |

- | | |
|--|--|
| (87) nå reiste hun og skulle lete ham opp | Ela estava agora de viagem, à procura do príncipe (81) |
| (88) der lå en stor laks som hadde kommet på tørt land, og slo og spratt og kunne ikke komme ut i vannet igjen | Na margem, havia um salmão caído em terra, debatendo-se desesperadamente, sem conseguir retornar à água (53) |

3.2 Discurso indirecto livre

Um traço típico dos contos populares noruegueses é o uso extenso do discurso semi-directo ou indirecto livre. Ex.:

- | | |
|------------------------------------|--|
| (89) Nei, det bar aldri til | Não, isto era totalmente impossível (78) |
| (90) Ja det var da det | Pois é, era ela mesma (79) |
| (91) Ja, det skulle nå være det da | Sim, era ela mesma (80) |

A julgar pela versão brasileira destes contos, parece que o português não se presta tanto a esta variante discursiva, ou que não se usa com a mesma flexibilidade como em norueguês, já que em vários casos o tradutor optou por outros tipos de construção:²

- | | |
|--|--|
| (92) Jo, det var da kongsdatteren | Fui eu – disse a princesa (59) |
| (93) Ja, mannen syntes det var nokså gildt at han skulle bli så rik, men han syntes da han måtte snakke med datteren først | Bem, o homem achou que seria ótimo se ficasse tão rico assim, mas achou também que tinha que falar primeiro com a filha (74) |
| (94) Nei, det hadde hun nå slett ikke | Não, imagine, era o que faltava (76) |

(2) Não obstante, este traço estilístico é muito corrente em Eça de Queirós, escritor português do Realismo.

- (95) Ja, det kunne så være – Tudo bem – disse a
det, sa stemoren madrasta (86)

3.3 Prosa rítmica, figuras retóricas

Grande parte dos contos é constituída por uma prosa rítmica, cheia de figuras retóricas – traços característicos que podem ser difíceis de conservar numa língua estruturalmente diferente. Sempre que a tradução directa não der resultado, o tradutor deve procurar várias técnicas “compensatórias”, a fim de reproduzir os efeitos estilísticos do original:

- (96) Så fór de avsted så langt, Mas assim prosseguiram, tão
så langt at ingen kan longe, mas tão longe, que é
tro hvor langt de fór, quase impossível imaginar
og alltid gikk det utover tanta lonjura, e sempre sobre
havet, og nordenvinden o mar; e o Vento Norte foi-se
ble trette og cansando, cansando e, por fim,
trette og så utkjørt estava tão exausto que
at han nesten ikke quase não agüentava mais
orket blåse lenger, og soprar; e foram baixando,
lavere og lavere bar baixando (84)
lange, det med ham
- (97) Hun red i mange dager E a moça cavalgou, por muitos
og i langsommelig tid, e muitos dias, até chegar
før hun kom dit; men à morada do Vento Leste (81)
langt om lenge kom
hun da fram [frase
longaque realça a
demorada viagem]
- (98) Men da hun kom der Quando ela entrou no
opp, så sov han igjen, quarto, porém, o príncipe
og alt hun ropte og estava dormindo e,
skrek og ristet i ham, por mais que
og alt hun gråt, så chamasse, gritasse e
sov han så hun ikke chorasse, não havia
var god for å få como fazê-lo
liv i ham acordar (85)

3.4 Repetição conceptual e aliteração

Como já vimos em muitos dos exemplos anteriores, a repetição conceptual (ou seja duplicação semântica) realizada por palavras afins, é um traço estilístico muito corrente nos contos populares noruegueses:

- | | |
|---|--|
| (99) han tagg og bad så
lenge til kongen
måtte la ham reise | pediu e suplicou com tanta
insistência e por tanto tempo
que, por fim, o rei não
teve outro jeito senão
deixá-lo partir (53) |
| (100) "Nå er du min," sa
Askeladden, og så fikk
han henne og halve
landet og riket attpå | – Agora você é minha – disse
Askeladden e tomou para si a
mão da princesa e metade do
reino (70) |
| (101) Det gikk både godt og
vel en stund | Durante algum tempo, tudo
correu muito bem (75) |
| (102) han har flakket både
vidt og bredt | já soprou um pouco por tudo
quanto é canto (81) |
| (103) men da var han også
så trett og ussel, at
han måtte hvile over
mange dager | Estava tão cansado, tão moído,
que precisou repousar por
muitos e muitos dias (84) |
| (104) men dess mer hun
vasket og gnudde, dess
større ble flekkene | mas, quanto mais lavava e
esfregava, maiores ficavam
as manchas (86) |

A julgar pelas modificações estruturais realizadas na versão brasileira, parecem limitadas as possibilidades de transferir esta técnica repetitiva para o português – especialmente se as sequências em causa vêm acompanhadas pela aliteração, fenómeno muito frequente neste contexto:

- | | |
|---|---|
| (105) Hjemme var det lite
både å bite og brette | Em casa havia pouco de comer
e menos de vestir (27) |
| (106) nå var han så fillete
at fillene hang og
slang om ham | estava tão maltrapilho que
as tiras de pano esvoaçavam
ao redor do seu corpo (28) |

- | | |
|---|---|
| (107) han hadde slik lyst
til å låte en låt og
leike en leik på fela
før de hengte ham | ele tinha tanta vontade de
tocar uma música na sua
rabeça antes de ser
enforcado (34) |
| (108) og ba både vakkert
og vent for seg | e suplicou por sua vida (61) |
| (109) han hadde en datter
som var så vrien og
vrang i ord at ingen
kunne målbinde
henne | tinha uma filha tão difícil
de conversa que ninguém
conseguia ter a última
palavra com ela (65) |
| (110) Å, jeg har slikt å
gjøre, jeg har slikt
å føre, jeg fører
vel den | Bem, não tenho nada
melhor para fazer nem
coisa melhor para levar,
então levo esses
(= essa ?) (66) |
| (111) Dermed så mistet
han også mål og
mæle | Então, o irmão do meio
também perdeu a fala (69) |
| (112) "God dag igjen,"
svarte hun og
vridde på seg | - Bom dia para você -
respondeu ela, fazendo
uma careta (68) |
| (113) "God dag igjen," sa
hun og vrikket
på seg | - Bom dia para você - disse
ela, virando as costas (68) |
| (114) "God dag igjen,"
svarte hun og
vrikket og vridde
på seg | - Bom dia para você -
respondeu ela, com a voz
seca e retorcendo-se
toda (69) |
| (115) Imens ga de henne
hverken rist eller ro | Enquanto isso, a família não deu
sossego à menina (74) |

3.5 Jogos de palavras

Os jogos de palavras, ou seja a ligação mais ou menos cómica ou absurda de formas homônimas e polissêmicas, foram sempre considerados uma das técnicas expressivas mais difíceis, se não impossíveis, de traduzir. Eis alguns exemplos tira-

dos de “A princesa que sempre queria ter a última palavra” (com a proposta de “solução” em português):

- (116) Du er så kroket i ord du Sua prosa é das mais tortas (69)
- (117) “Nei, jeg er ikke
kroket, men dette er
kroket,” svarte gutten,
og tok opp det ene
bukkehornet – Torto por torto, quem leva
vantagem é isto aqui – disse
Askeladden e mostrou um dos
chifres de bode (69)
- (118) “Nei! nå har jeg aldri
sett maken!” ropte
prinsessen. “Her ser
du maken,” sa gutten,
og tok opp det andre. – Puxa! Eu nunca vi nada igual!
– exclamou a princesa. – Mas
eu sim – disse Askeladden
e tirou do bolso o outro
chifre (69)
- (119) “Jeg mener du er
utgått for å målbinde
meg, du?” sa hun
“Nei, jeg er ikke
utgått, men den er
utgått den,” svarte
gutten, og dro fram
skosålen.” – Escute aqui, por acaso está
tentando me cansar? –
perguntou a princesa – Imagine,
Alteza, sei que não está
cansada. Agora, isto aqui
está e muito! – respondeu o
rapaz e pôs a sola de botina
em cima da mesa (70)

4. Particularidades culturais

No mundo dos contos noruegueses aparecem muitos fenômenos que não existem ou são desconhecidos no Brasil, de modo que carecem de equivalência linguística cabal. Estas diferenças culturais manifestam-se tanto no plano concreto e real como no plano mítico e imaginário deste universo literário.

4.1 Entes fantásticos

Os contos estão povoados de uma série de entes fantásticos, entre os quais encontramos, antes de mais nada, o “troll” ou o “rise”, o “nisse”, a “hulder” e o “Askeladden” – todos sem paralelo em português. Portanto é preciso explicar as características

e o papel deles, como o faz o tradutor já na sua introdução ao livro. Assim podem adoptar-se e manter-se os termos originais no texto traduzido, uma vez efectuadas as modificações morfológicas necessárias. A meu ver, esta é a melhor maneira de veicular o universo mítico e particular dos contos, em vez de recorrer a traduções rebuscadas e obliquas ou carregar o texto de notas de rodapé.

4.2 Coisas e ofícios

Visto que o pano de fundo dos contos em causa é constituído por elementos da sociedade rural norueguesa de outrora, não admira que se encontrem coisas e ofícios desconhecidos no Brasil. Em vez de se dar a explicações ou descrições prolixas, do tipo (120) en stor mosefly um vasto planalto deserto, forrado de rochas e de musgo – eventualmente sob a forma de notas de rodapé – acho que na maioria destes casos se devem procurar termos/coisas o mais semelhantes possível do ponto de vista funcional e associativo, mesmo que isto nem sempre seja uma tarefa fácil. Ao que parece, foi este o método preferido pelo tradutor também, mas – como vemos – o resultado pode diferir bastante do texto original:

(121) Ser du den skjæra som sitter i grana der borte?	Está vendo aquela <i>perdiz</i> pousada no galho daquele pinheiro lá longe?
---	---

(Cf. também (79), onde “skjæra” se traduz por (a) *gralha*, embora o termo técnico seja *pega* em português. No entanto, a *pega* parece não existir no Brasil e, portanto, é natural ir buscar uma ave semelhante e, ao mesmo tempo, mais familiar.³⁾

(122) vidjespenning	cesto de vime (<i>não é, mas o que podia ser em português?</i>) (66)
(123) kongsgården	o castelo (<i>mais lit. = a fazenda,</i>

(3) Contudo, pode perguntar-se o que é que uma *gralha* (ave essa muito próxima da *pega*) tem de comum com uma *perdiz*!

a quinta?) do rei (67)

(O termo *kongsgården*, denotando a residência do rei, envolve conotações rurais ausentes na palavra *castelo* = 'residência real fortificada'.)

(124) husmann

Colono (= caseiro ?) (27)

(125) både prost og prest,
skriver og fut, og
lensmann og
mestermann

o padre e o capelão, o escrivão
e o intendente (*fut* = cobrador
de impostos!), o delegado e o
investigador (*mestermann*
= verdugo!) (34)

5. Observações finais

Os exemplos mostram a importância de analisar o texto em "grupos fraseológicos", exigindo uma tradução idiomática, já que, as mais das vezes, a tradução directa deste género discursivo tão característico da tradição narrativa oral da Noruega não dá resultado.

Não obstante, parece-me uma tarefa impossível conservar todo o colorido deste nosso património cultural numa língua estrangeira. Não me posso livrar da impressão de que os contos perdem, necessariamente, algo do seu carácter vivo e "fotográfico" na versão brasileira, devido às diferenças imanentes verificadas no "espírito da língua".

Portanto, meu caro colega e amigo meteu ombros ao que me parece um dos maiores desafios tradutológicos da literatura norueguesa, propondo-se tornar o universo dos contos compilados por Asbjørnsen & Moe acessível a um público tão alheio às tradições folclóricas norueguesas como os brasileiros. (Sendo ele mesmo bilingue e bicultural, é, talvez, a única pessoa capaz de enfrentar uma tarefa destas.) Embora me pareça impossível não perder nada no caminho, ele saiu-se muito bem desta empresa arriscada, tendo conseguido realizar um projecto aparentemente irrealizável.

Referências bibliográficas

- ASBJØRNSEN, P. C. & MOE, J. (org.) (1965) *Samlede eventyr*, vol. 1 - 3 (Norske kunstneres billedutgave). Oslo, Gyldendal.
- AUBERT, F. H. (org. e trad.) (1992) *Askeladden & outras aventuras. Uma Antologia de Contos Populares Noruegueses*. São Paulo, EDUSP.